N.º 102 Ovar, 3 de Maio de 1908 Anno II

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis
Com estampilha . . . . . 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso . . . . . 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar
Impressão e composição — TYPOGRAPHIA PENINSULAR
Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha
Annuncios e communicados. . . 50 » »
Repetições . . . . . 25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial 25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

OS BANCOS E A MOEDA FIDUCIARIA

(Artigo publicado em 1830 na Revista Nacional)

I

Se ha differença em nosso desfavor nas trocas com o estrangeiro e portanto um desfalque successivo no capital disponivel, esta falta é compensada por grandes porções de prata e ouro que os nossos emigrantes enriquecidos no Brazil, voltando ao paiz, derramam constantemente no mercado e pelas remessas que de lá fazem ás suas familias.

O perigo não vem, como se diz, das subscripções ficticias, nem da falta de applicações do dinheiro; sem estas não ha compromissos a que os bancos não possam satisfazer, e aquellas apenas affectam alguns especuladores imprudentes.

Não obstante isso, independentemente de qualquer situação do credito, da liberdade de emissão podem resultar, crises, a que muito convém obviar com tempo.

Esta questão é complexa, e por isso distinguiremos os seus diversos elementos nos quesitos seguintes:

1.º de que serve em geral a moeda fiduciaria? qual a sua utilidade?

2.º Em relação ás actuaes circumstancias economicas do nosso paiz?

3.º De que modo, em que limites deve ser permittida a liberdade da emissão de notas?

4.º Se na Inglaterra e nos Estados Unidos é concedida sem restricções algumas, como vulgarmente se affirma?

5.º Qual deve ser a sua proporção com as reservas metallicas?

6.º D'onde provieram as crises na Russia, na Inglaterra e nos Estados Unidos?

7.º De que modo se abusa do credito?

8.º Se o papel moeda circula como a moeda metallica?

9.º Se convém concedear a todos os individuos a faculdade de produzir a primeira como o estado produz segunda?

10.º Se de facto o papel supre o metal?

11.º Se é forçoso que a moeda metallica tenha um typo só sob a garantia do estado, porque não será o mesmo a respeito da moeda fiduciaria?

12.º Se as emissões de papel diminuiram nos bancos inglezes e americanos?

13.º Quaes os seus inconvenientes? Factos relativos, as crises de 1838, 1842, 1825 e 1845 na Inglaterra e na America.

14.º Se o papel moeda será considerado como capital a par do numerario?

15.º Qual é a quantidade metallica que no mercado deve corresponder á quantidade de notas emittidas? Como se ha de determinar esse *quantum*?

16.º Se a circulação das notas é maior ou menor na occasião das crises, do que era antes?

17.º Que não basta comparar os valores da caixa com a circulação em varias epocas, mas em annos successivos.

18.º Restricções do bill do 1844, maus effeitos d'esta lei, e sua ineficacia em sustentar a convenientemente proporção entre a caixa e a circulação fiduciaria.

19.º Quaes as relações do papel-moeda com a producção e o consumo: como a especulação altera estas relações e promove as crises?

Taes são os lados por onde encarada a questão dos bancos se vê quanto é importante e grave e como influe no jogo economico.

II

Se, resultam crises dos abusos ou simulações com que os bancos e as companhias especulam ás vezes, outras ha que apparecem no meio das suas operações normaes e regulares: essas que é de todo o interesse que se esclareçam e previnam, e teem causas independentes da moralidade com que são regidos aquelles estabelecimentos.

Quanto a nós n'este assumpto assás confuso e difficil o que primeiro convém averiguar-se é o que influe no capital livre ou disponivel, um dos elementos mais essenciaes e tambem dos mais variaveis da ordem economica. É com a mira nas relações com a producção, o imposto, a economia annual, as exigencias do commercio e da industria, com a moeda papel e a taxa do juro que uma nação ha de guiar-se racionalmente em materia de credito e de finanças.

Entre nós nunca se attendeu á causa, nem á verdadeira influencia das suas variações.

Se conhecido bem o alcance d'estas questões fossem assaz debatidas na imprensa e no parlamento, parece-nos que de algumas medidas governativas teriam sido umas regeitadas, outras modificadas, e que a opinião geral estaria mais illustrada em assumpto tão importante.

Levantou-se um partido com a bandeira—economias,—mas fundou-se apenas em rasões moraes e de justiça e não em rasões economicas, affirmando só que seria injusto e immoral pedir sacrificios ao paiz antes de operadas as reducções possiveis e de acabarem as despezas superfluas.

Quando se falla na necessidade de que o fundo disponivel se conserve em dadas proporções, não é raro ouvir-se a objecção—que a riqueza não é o dinheiro—verdade bem sabida hoje, e que é como a expressão geral da economia moderna, como se esta verdade se offendesse com aquella asserção, ou houvesse alguma contradicção entre ellas.

Póde uma nação ser hoje mais rica e ter um capital livre menor que o que tinha em outra época em que ella estava menos desenvolvida nas suas forças productivas, e vice-versa; mas essa differença se não fôr compensada pelo aperfeiçoamento do credito, e ainda assim quando fôr muito sensivel, ha de produzir uma alteração grave, mais ou menos duravel, na sua vida economica.

Para encurtamos razões citaremos um exemplo: a França em 1857 era sem duvida mais rica do que em 1847 e comtudo tinha menos capital disponivel: no espaço que medeia entre estas duas épocas, em dez annos gastou vinte e tres milhares de francos; a economia annnal, era pelo que se julga, de milhar e meio, que em dez annos monta a quinze milhares; em 1857 oito milhares faltaram ao seu fundo disponivel,—e eis a causa da crise que então se manifestou.

No nosso paiz os continuados emprestimos aos governos, o imposto crescente, a compra de fundos estrangeiros, a immobilisação em alguns melhoramentos industriaes e nas obras dos municipios as sommas tiradas da praça pelo banco predial para applicações improductivas (como se sabe), a desamortisação, os novos direitos sobre as heranças, de sello, de registo, mesmo até ao substituições militares, devem tel-a diminuido consideravelmente, sem que as nossas economias annuaes, isto é os excessos de produção sob o consumo indispensavel, tenham podido restaural-o; mas um incidente feliz veio remediar em grande parte esse mal, isto é o dinheiro que os nossos colonos do Brazil derramam constantemente nas praças, e até pelas nossas villas e aldeias.

Por todas essas razões não devemos inferir que é tão prospero o nosso estado economico como parece e como se julga.

1.º Porque esse capital não exprime, não representa, o excesso dos nossos recursos proprios sobre as necessidades regulares.

2.º Porque longe de haver esse excesso nem talvez se compensem.

3.º Porque não corresponde ao que produzimos annualmente.

4.º Porque estando livre talvez um dia se retire para emprezas estranhas, quando as nacionaes o não remunerem.

5.º Porque as nossas economias annuaes, quando as haja, não podem renoval-o facilmente como em outro paiz mais activo e productor: e n'este caso a sua falts ser-nos-ha mais sensivel.

E' n'este ponto que os bancos podiam secundar-nos influindo na conservação do capital disponivel, uma vez que o seu jogo seja mais seguro e precavido contra as alterações economicas que succedem de um momento para outro, e contra os abusos do credito, causa principal de todas as crises.

(Continúa).

Lourenço d'Almeida Medeiros

AINDA AS ELEIÇÕES

Passadas quatro semanas depois das eleições, que, tão pacatamente, correram no nosso concelho, somos forçados a voltar ao assumpto! E' a necessidade ou melhor o direito da defeza, que a isso nos obriga.

Com toda a imparcialidade publicamos o resultado da eleição, e, na melhor das boas fés, reproduzimos os commentarios que a gregos e troyannos ouvimos fazer.

Accudiu, logo, a «Discussão» a accusar-nos de que pretendemos apoucar o partido regenerador local, e de que da parte do partido progressista houve falta de lealdade para com os seus alliados na concentração monarchica.

E' de notar que, relativamente á deslealdade, a accusação só foi feito tres semanas depois da eleição.

Porque seria? *Latet anguis in herbis.*

Não tem razão alguma a «Discussão» nas suas arguições.

Nós não apoucamos o partido politico que ella defende.

Dissémos e repetimos que a assembleia eleitoral de Arada, composta d'esta freguezia e da de Maceda, foi sempre um baluarte regenerador, mas que, nas ultimas eleições, contra a espectativa de muita gente, o partido progressista havia vencido por uma maioria importante.

Não foi a nós que causou maior surpreza este facto, mas sim a alguns regeneradores, que o commentaram acremente, não reproduzindo nós todos os commentarios para não offender susceptibilidades, no periodo de acalmação que vamos atravessando.

Quer a «Discussão» que o partido regnerador tenha e continue a ter o mesmo predominio d'outr'ora na freguezia de Arada.

Pois seja assim.

Mas os factos passados e talvez os futuros se encarregarão de desfazer todas as illusões.

Nós não comprehendemos, francamente, como, é que, não havendo progressistas na freguezia de Arada, e, não tendo os regeneradores concorrido á urna, ahi apparecem tantas listas progressistas.

Tendo a eleição corrido com toda a legalidade, com o que não ha duvidas, a unica explicação plausivel, é admittir, que os regeneradores votassem listas progressistas, e, n'esse caso, deixaram de ser regeneradores.

•

Sobre a deslealdade do partido progressista, tambem não tem razão a «Discussão».

Conhecemos muito bem, como ze passaram todos os factos relativos aos trabalhos eleitoraes, e expostos elles, necessariamente, cahe pela base tal arguição.

Pela direcção da politica do districto tinha sido resolvido, que, cada concelho votasse n'uma só lista, com cinco nomes, egual para os dois partidos da concentração monarchica.

Esta resolução era de todo o ponto acceitavel, porque, d'esta forma, evitavam-se emulações entre os dois partidos, conseguindo-se a perfeita harmonia.

Trabalhavam ambos para o mesmo fim—uma só lista.

N'esta convicção viviam todos os politicos em Ovar e em todos os demais concelhos do districto.

Na vespera, porém, do dia da eleição pela uma hora da tarde souberam os progressistas d'aqui, que tinham de votar uma lista differente da dos regeneradores.

E porque se procedeu em Ovar de fórma differente á dos demais concelhos do districto?

Porque o director da politica

A REDEMPÇÃO

(Ego sum initium, et finis. Apoc. Cap. XXI-6).

I

O GRANDE SCENARIO COSMICO

Formar o *Cosmos* na grande immensidade
Deus, (1) fóra do tempo, tinha concebido,
Dependente da sua simples vontade
Surge do vacuo immenso um fluido.

Este fluido, elemento gazozo,
Em nebrina se tornou muito escura;
Condensada no estado vaporozo,
Desfez-se parte d'ella n'agua pura

Só havia trevas: o senhor dos elementos
Sobre a superficie das aguas pairava;
Lançar do Universo os fundamentos
N'esse momento então se occupava.

D'uma nebulosa se desprendem mundos
D'onde roja á voz de Deus immensa luz;
Vagueavam elles nos espaços profundos,
Quando Deus ás suas orbitas os conduz.

(Continúa).

João da Silva Ferreira.

(1) O Alpa e o Omega dos hebreus, o Deus Trino e Uno dos christãos, não é uma pura concepção do nosso espirito, nem uma força cega immanante no universo, mas um Ente real e vivo que existe fóra da nossa ideia, e que é um Ente inteiramente distincto de todas as cousas creadas. A nossa razão não póde comprehendel-o, mas póde levar-nos á certeza da sua existencia por meio das cousas creadas.

Apezar da existencia de Deus estar envolvida na sua essencia, esta existencia não deixa de revelar-se no principio da casualidade e nas leis que imperam em toda a natureza.

Em vista d'esta revelação, não podemos conceber como alguns homens duvidam da existencia de Deus, ou a tenham como problematica.

Estes homens, não só revelam a falta de criterio, mas a mais crassa ignorancia de conhecimentos metaphisicos.

regeneradora d'aqui, depois de ter ouvido alguns seus amigos, se apresentou pessoalmente ao Ex.mo Governador Civil, e lhe declarou que os seus correligionarios nunca votariam lista egual á dos progressistas.

Queriam, portanto, os regeneradores uma lista differente, e só manifestaram essa sua vontade na vespera da eleição, o que tambem é digno de registo.

A auctoridade superior do districto annuiu, e appareceram as duas listas.

N'estas condições aonde está a lealdade e a deslealdade.

Se os regeneradores não se conhecessem bem preparados para a eleição, e não presumissem os adversarios (alliados) desprevenidos. iriam fazer uma imposição ao chefe do districto, pedindo, lista differente?

Certamente que não, porque, ninguem quer soffrer dissabores.

O que houve, pois?

Erro de calculo ou erradas informações.

Não se queixe, pois, a «Discussão» da *deslealdade dos outros* mas sim da ingenuidade d'uns, falta de senso d'outros, e de intransigencias tólas de quem não tem as responsabilidades da direcção d'um partido.

A ALLIANÇA INGLEZA

XII

E' a historia da alliança ingleza uma serie de perfidias, d'explicações, e despresos, como tambem de tratados leoninos, que estão avisando os nossos governos de cuidarem na segurança das colonias portuguezas—(o que não julgo facil).

Não esqueçamos a sem cerimonia, com que em 1890 as naus dos nossos amigos já vinham singrando para Lisboa, a fim de nos obrigarem a ceder o alto Zambere, e outras zonas africanas, o que sempre conseguiram.

Não esqueçamos tambem, que os Estados-Unidos se apossaram de *Cuba* e das *Philippinas*, sem que nenhuma potencia da Europa interviesse em favor da Hespanha, nem sequer diplomaticamente.

Em diplomacia vivemos descuidados.

Voltemos atraz, e transcrevamos mais algumas paginas da excellente *Memoria* do sr. Affonso Ferreira.

Almeida Medeiros.

Morto o cardeal-rei e declarado o periodo de anarchia em que a irresolução do fallecido monarcha e as rivalidades dos partidos precipitaram o reino, os cinco governadores nomeados no testamento de D. Henrique para regerem o reino depois da sua morte, querendo dar mostras de zelo pela causa da patria ao povo que já os reputava vendidos a Filippe II, escreveram a Izabel Tudor, invocando a favor da nação, ameaçada na sua tranquilidade e na sua independencia, pela falta de principe que occupasse o throno vago, a antiga alliança que tão estreitamente unia desde os tempos de D. João I as duas corôas, e implorando-lhe os auxiliasse a conter as ambições desmedidas afim de se manter no paiz a liberdade de eleição do monarcha, impedindo-se assim que Portugal fosse pela força cahir sob o jugo de um monarcha estrangeiro.

A esta mensagem dos governadores de Portugal respondeu a rainha da Gran-Bretanha em termos tão ambiguos, que elles não podiam deixar a mais pequena duvida sobre as suas intenções. Izabel Tudor limitou-se a aconselhar aos governadores que trabalhassem por congraçar os subditos e por sanar todas as discordias até subir ao throno o novo rei, e exprimia, rematando, a opinião de que, se o reino alcançasse manter a união e a concordia, com maior facilidade poderia repellir a oppressão e vencer as calamidades (1).

Veja-se que honrada velhacaria se dissimula na cortezia e urbanidade das boas expressões d'esta resposta!

A Inglaterra esquecia os tratados de alliança politica que a ligavam ao nosso paiz, com todas as obrigações reciprocas de soccorro e auxilio, e abandonava-nos vilmente na hora extrema em que a nossa independencia era ameaçada pela ambição de um poderoso monarcha estrangeiro!

Esquecia tudo isso e respondia-nos com uma zombaria, quando, abatidos, imploravamos a sua protecção e lhe recordavamos os tratados!

Ah! mas do que a nossa magnanima alliada se não esquecia, era de que Portugal era senhor do maior imperio colonial do mundo! Que importava, pois, á Gran-Bretanha que Portugal fosse riscado do mappa das nações livres, se ella podia locupletar-se largamente com os despojos coloniaes do grande povo que acabava?!

Em guerra com Filippe II, Izabel Tudor esperou que o seu inimigo se proclamasse solemnemente rei de Portugal para arrojar sobre os mares os seus innumeraveis piratas, que, como abutres esfaimados, se lançaram sobre as nossas colonias e navios de carga, sob o titulo de serem dominios e subditos do rei catholico.

Era forçoso, porém, offerecer ás attenções do rei de Hespanha um objectivo que lh'as desviasse das colonias e dos mares. Izabel lembrou-se do prior do Crato. Este desgraçado favoreceria admiravelmente os seus sordidos planos, servindo nas suas mãos como espantalho de uma ameaça permanente contra a integridade e tranquillidade do imperio catholico.

Era habil o plano e surtiu o melhor resultado.

O pobre pretendente, illudido na sua boa fé, cahiu no logro que lhe armou a nação que elle considerava como a sincera e dedicada protectora da sua causa, e, ingenuamente, ia esperando pelo cumprimento das fagueiras promessas com que a Gran-Bretanha o embaía...

Entretanto os seus generosos amigos aproveitam o tempo e o favor das circumstancias.

Em 1585 Drake recebe ordens directas de Izabel Tudor para se dirigir ás colonias hespanholas, partindo effectivamente a 15 de setembro d'esse mesmo anno de Plymouth á frente de uma expedição de dois mil e trezentos homens em vinte e tres navios. Drake dirigiu-se á America, e, como nessa rota fica Cabo Verde e os inglezes comprehendiam debaixo da designação de colonias hespanholas todas as antigas possessões portuguezas, o pirata lançou de passagem trezentos homens em S. Thiago, os quaes saqueram completamente a povoação e pozeram toda a ilha a ferro e a fogo.

Mezes depois Drake regressava a Inglaterra. As perdas causadas a Portugal e á Hespanha nas suas respectivas possessões por essa primeira grande expedição do audacioso corsario foram avaliadas em 500:000 libras sterlinas. E logo em 1587 Drake sahiu para nova empreza.

Sabendo dos formidaveis aprestos navaes que o rei de Hespanha preparava em Cadiz, Drake salteia esse porto e destroe ahi mais de cem navios hespanhoes. Depois dirige-se á costa sul de Portugal e toma o castello de S. Vicente; em seguida vai cruzar nos mares dos Açores, á caça das nossas embarcações de carga das carreiras do Brazil e da India e apresa um galeão.

Ainda nesse mesmo anno, Drake, com nove navios e com recommendações especiaes para nos arrancar os segredos da industria de construcção naval, nos toma na altura dos Açores a nau *S. Filippe*, da armada de D. Jeronymo Coutinho, a qual foi servir de modelo para novas construcções nos estaleiros da Inglaterra.

Filippe II, farto de tanta audacia e desejando ao mesmo tempo dar expansão ao seu odio, levado ao extremo da exacerbação com a odiosa morte da infeliz Maria Stuart, resolveu vibrar sobre a nação britannica um golpe tão profundo que a attingisse no coração.

Mas e destino das coisas humanas é eternamente variavel. Acima da vontade do homem ha uma lei immutavel a cujo imperio infinito o poder humano não póde prevalecer.

Filippe II concebera o exterminio da Inglaterra e congregou no porto de Lisboa para execução do seu assombroso plano todo o enorme poder naval da Peninsula. A *Invencivel Armada* arrancou um grito de espanto ao mundo incruel *Demonio do Meio Dia* pesou, inexoravel, o poder da lei eterna: a *Invencivel Armada*, salteada por uma terrivel tempestade, subverteu-se nas entranhas do oceano á vista das costas inglêsas!

Estava salva a Inglaterra e aniquilada a Peninsula.

Chegara, emfim, para a patria de John Bull o momento appetecido: a marinha britannica d'ora ávante principiario a conquistar o mundo; já não tinha a temer poder algum superior ao seu. Os mares pertenciam-lhe.

O pobre prior do Crato, que residia em Londres, teve tambem o seu momento de alegria, e em vista de do enorme desastre que ferira a Hespanha, decidiu-se a instar com a rainha da Inglaterra para que cumprisse finalmente as suas promessas. Izabel Tudor nessa occasião resolveu-se a attendê-lo, não com o intuito sincero de auxiliar efficazmente o infeliz pretensor na reivindicação do throno português, mas movida tão sómente pelo imperioso desejo de ferir Filippe II. Tratava-se de pagar ao rei catholico a guerra com a guerra, a invasão com invasão. A *Invencivel Armada* aproximara-se demasiado das costas britannicas, era preciso vingar a affronta.

Drake recebeu ordem de preparar uma esquadra de seis navios e de se fazer de véla com o prior do Crato para Portugal a conquistar a corôa de Affonso Henriques.

A bordo da esquadra vinha tambem um corpo de tropas composto de voluntarios alistados á ultima hora, gente dissoluta attrahida apenas pela miragem dos saques e das presas. Essas tropas com o prior desembarcaram em Peniche e dirigiram-se sobre Lisboa, emquanto Drake com os seis navios foi cruzar á entrada do Tejo.

Esta campanha foi uma vergonha, porque, como acção militar, foi absolutamente nulla, não tendo por isso mesmo a menor significação politica. Só um ingenuo e um estouvado como D. Antonio podia convencer-se que, com tantas diminutas forças, lograria alcançar o seu objectivo.

Mas como nisto tudo transparecem nitidos os sentimentos de Izabel Tudor e o espirito perfido da sua politica! Dizia ao desgraçado prior, de quem ella não teve o mais leve escrupulo de zombar utilizando-o como mero instrumento da sua politica egoista, que queria sentá-lo no throno de seus maiores, mas para isso dava-lhe seis vélas com onze mil soldados recrutados na escumalha popular de Londres! Era com este exercito, irrisorio quanto ao numero, pessimo quanto á qualidade, que o prior do Crato havia de arrancar ao mais poderoso monarcha da Europa a sua subjugada patria!

O resultado era inevitavel. Esse exercito, logo que desembarca e rompe a marcha sobre a capital, principia as proezas que eram tradicionaes entres tropas britannicas. As populações fogem atterradas á sua approximação e vão acolher-se dentro dos muros de Lisboa, preferindo o jugo dos dominadores á amizade dos alliados. E assim não consegui o prior que o povo se declarasse por elle e se ligasse aos inglêses.

No assalto que deram ás portas de Santa Catharina, os inglêses foram repellidos sem grande esforço. Este exercito libertador nem sequer trazia artilharia de sitio.

Drake não conseguiu, a despeito de repetidas tentativas, forçar a barra Por ultimo o exercito inglês, já bastante dizimado, retirou para Cascaes, antes que o seu aniquilamento se consummasse com uma imprudente permanecia em frente de Lisboa, e depois embarcou, apressado, na esquadra, que logo se fez de véla para Inglaterra.

Assim terminou a farça. E possivel que, no momento de abandonar para sempre a terra da patria, o desventurado e ludibriado D. Antonio reparasse no quanto a sua boa fé fôra illudida e os seus sentimentos patrioticos explorados pela politica britannica que fizera d'elle apenas o joguete das suas fluctuações e o servidor passivo dos seus interesses.

Affonso Taveira.

(1) Rebello da Silva—*Historia de Portugal.*

FOLHETIM

O PECCININO

OU

O Bandido Nobre

POR

GEORGE SAND

Em nosso paiz, continua o marquez, todos se regosijam dos successos felizes alcançados pelos seus concidadãos, tanto se estima os que nascem na terra bem amada, que se esquece todas as distincções de classe, e nobres ou paisanos, operarios ou artistas perdoam reciprocamente os antigos prejuizos para confundirem seus votos no sentimento de igualdade.

—Oh! pensou Miguel, falla-me de politica! Não conheço as suas opiniões. Se advinhou a intenção da princeza, talvez que vá intrigar-me: Não me fio n'elle.—Posso eu saber de Vossa senhoria se a princeza de Palmarosa se dignou reparar nas minhas pinturas, e se não está muito desconte dos meus ornatos?

—A princeza está encantada, não duvide d'isso, meu caro mestre, responde o marquez com maravilhosa cordialidade; e se ella soubesse que estava aqui, aqui viria, para ella mesma vol-o dizer. Porem, n'este momento tem muito a que attender, para que o mestre possa abordal-a. Amanhã, sem duvida, lhe fará os merecidos elogios e nada perderá com esperar... A proposito, quer que vá mostrar-lhe as minhas pinturas chinezas, e outras mais de não menos valor? Aprazer-me-ia de recebel-o muitas vezes. A minha casa de campo está a dois passos d'aqui:

Miguel inclinava-se como para agradecer e acceitar; mas, posto que lisongeado das attenções do marquez, ficou triste e como acabrunhado. Evidentemente o marquez não tinha zelos d'elle; nem mesmo estava inquieto.

XII

Magnani

Nada mortifica mais do que ter imaginado, ainda que pelo curto espaço d'uma hora, qualquer aventura romanesca, inebriante, e vir facilmente a perceber que não passava d'um sonho illusorio. Cada nova reflexão do joven artista attenuava os seus transportes e o reconduzia á noção da possibilidade. De que podia elle ter feito tantos castellos no ar? D'um relancear d'olhos mal interpretado? Ou d'uma palavra talvez mal comprehendida? Todas as razões que davam um desmentido formal, ás suas extravagantes presumpções se levantam deante d'elle qual um colosso, e sente-se cair do ceo á terra.

«Sempre sou bem tolo em importar-me com os olhos problematicos e as palavras inintelligiveis d'essa mulher que eu não conheço, e sendo assim mal me persuadi que a amo, quando se trata de coisas bem mais serias para mim.

Vamos lá a vêr se este marquez me enganou, e se todos acham que ha algum genio na minha pintura, se lhe falta a sciencia.

E todavia, continua Miguel, deixando a gruta, ha no fundo de tudo, isto alguma coisa que cheira a mysterio: D'onde me conhece este marquez a quem eu nunca vi? Como é que sem hesitação me abordou com tanta familiaridade, chamando-me pelo meu nome como se fossemos velhos amigos?»

Verdade é que tambem dizia comsigo: «Pode ser que estivesse em alguma janella, em uma das igrejas, na praça, no dia em que passiei com meu pai pela cidade; ou ainda, quando fui ver os suspensos jardins da Semiramis, por ordem da qual eu fiz os meus ensaios, talvez estivesse em um dos camarins aparentemente fechados e onde, sem duvida se lhe permitte a entrada expandindo ahi a sua paixão incorrespondida.

Miguel passou por entre o numeroso grupo dos convidados, sem attrahir a attenção de nenhum. Não era conhecido pessoalmente, e não obstante, o seu nome era proferido por muitos labios, e aos seus ouvidos se fallava livremente das suas pinturas.

—Isto promette, diziam uns.

—Tem ainda muito que aprender, diziam outros.

—Tem fantasia, gosto; isto deleita a vista e entretem o pensamento.

—E' verdade; mas tem braços de tamanho exagerado, pernas pequenas demais, acanhamentos d'uma ignorancia extrema; movimentos impossiveis.

—D'accordo; porém, sempre graciosos. Affiança-lhes que este rapaz, porque dizem que é quasi uma creança, irá longe.

—E' nosso conterraneo.

Oh! pois andará á volta d'isto, e não irá mais longe, atalha um napolitano.

Em summa, Miguel Angelo Lavoratorio ouviu mais louvores que amargas criticas, mas colheu muitos espinhos com as muitas rosas, e descobriu que o bom exito é um acepipe assucarado onde entra muito fel.

A principio contristou-se; depois, cruzando os braços sobre o peito, repara na sua obra, não attende ás opiniões dos outros, e d'esta analisa o bom e o mau com tanta imparcialidade que triumphou do seu amor-proprio.

—Todos têm razão, diz elle; Isto promette, mas não é o que julgam. E' caso resolvido, rasgarei estes desenhos quando os guardar nas lojas do palacio, e farei melhor d'ora avante. Tenho sobre mim proprio feito experiencias que não me desanimam, embora me não satisfaçam plenamente mas saberei aproveital-as, e favoraveis ou não á minha fortuna, sel-o-ha este ensaio ao meu talento.

Tendo Miguel recobrado toda a lucidez das suas idêas e pensando comsigo que não era dos que pagavam á entrada um direito destinado aos miseraveis, resolveu abster-se do espectaculo da festa, e passear a distancia, em qualquer sitio isolado do palacio emquanto se sentisse absolutamente sereno e disposto a descançar. Recuperára a razão, mas a fatiga dos dias precedentes deixara-lhe o sangue e os nervos um pouco agitados. Tentou subir até ao pavimento superior d'onde se podia sahir para os terrassos na-

NOTICIARIO

TEMPO

Depois de alguns dias de chuva, tivemos o prazer de gozar, na quinta-feira, um verdadeiro e genuino dia de verão.

Na sexta-feira, porém, o dia não se apresentou como o anterior, *carrancudo*, nublado, mas quente, soprando o vento de sudeste e ameaçando chuva.

Como, de repente, se mudam os ventos, os tempos, os pensamentos e... tudo!.....

PESCA

Houve, durante a semana finda, em alguns dias, trabalho de pesca, na costa do Furadouro, sendo pouco importante o seu producto.

A PATRIA

Acabamos de receber o primeiro numero do novo semanario local «A Patria,» orgão republicano d'este concelho, de que é director o snr. Antonio Valente d'Almeida e administrador o snr. Fernando Arthur Pereira, e cuja publicação se effectua á quinta-feira.

O novo hebdomadario, artistico e brilhantemente redigido, de formato regular e composto na Imprensa Civilisação, da cidade do Porto, é impresso em bom papel e o typo muito legivel.

Desejando-lhe muitas prosperidades, agradecemos a visita do illustre collega, e vamos permutar.

Aviso e pedido

Avisamos os nossos prezados assignantes de que a administração d'este nosso jornal vae proceder á cobrança das assignaturas.

Pedimos, portanto a fineza de satisfazerem a sua importancia, logo que lhes seja apresentado o recibo e especialmente áquelles cuja cobrança é feita pelo correio, afim de nos evitar maiores despezas, agradecendo desde já a

Administração do «Jornal d'Ovar.»

turaes da montanha. Todo este bello edificio estava luminoso e ornado de flores.

Todo elle se podia visitar livremente, mas visto uma vez, tudo afluia á grande sala onde imperava a musica, as dansas, a juventude, o amor, o bulicio. Nas galerias superiores, nas elegantes escadas, nos vastos aposentos não se viam dos grupos magestosos ou discretos, mais que alguns graves personagens, tratando de negocios de Estado, ou algumas das mais salientes *coquettes* que juntavam e retinham pela sua refinada conversação certos cavalheiros á volta do seu fauteil.

Pela meia noite, os que não tinham um determinado prazer, ou um interesse directo na festa retiravam-se,e a reunião menos compacta augmentava em belleza e se tornava dirigivel.

Miguel foi subindo por uma pequena escada occulta até ao alto jardim do palacio; sentiu ahi grande allivio sentando-se no ultimo degrau a respirar a fresca brisa junto d'um canteiro de flores.

Este sitio estava deserto. Viu atravez das cortinas de garça prateado o interior, tambem deserto, dos aposentos da princeza. O pintor não esteve ahi muito tempo só; Magnani veiu ter com elle.

ACCORDANDO

Não tinhamos muitos desejos de perturbar o somno ao nosso dedicado collega a «Patria,» respondendo aos seus primeiros vagidos, mas vamos lá

Diz o collega «que o relogio da capella de S. Antonio já não trabalha ha um bom par de annos, e que, nem sequer para mexer nos ponteiros, ha já ao menos um homem, um relojoeiro, ou um curioso.»

Ora, como o relogio já não trabalhava ao tempo em que o snr. Nunes Branco era mezario da Irmandade de S. Antonio, pode o collega, sem grande incommodo perguntar-lhe a razão porque não ha quem o faça *desamuar ou accordar*...

Os jornaes vindos de Madrid dizem que, no porto da Ribeira, Ferrol, naufragou uma lancha de pesca, morrendo afogados quatro tripulantes.

Novenas de Maria

Principiaram, na Igreja Matriz, d'esta freguesia, as novenas do mez de Maria, sendo extraordinaria a concorrencia de fieis.

Na occasião em que os marinheiros do couraçado «Elyssas», de Kiel, faziam exercicio de minas maritimas, rebentou, antes do tempo, uma granada, matando dois tripulantes, e ficando levemente feridos outros dois.

Festa a S. José

No proximo domingo realisar-se-ha a festa em honra do Patriarcha S. José, havendo, na vespera, novena com musica, e no dia, missa solemne a grande instrumental, sermão ao Evangelho pelo Reverendo Alfredo B. d'Aguiar, Abbade de Cerzedo; e, de tarde, vesperas, sermão pelo mesmo abbade de Cerzedo, sahindo em seguida a procissão, que percorrerá o itinerario do estylo.

Abrilhantará a festividade, tanto nas solemnidades internas, como na procissão, a distincta banda dos «Bombeiros Voluntarios» d'esta villa.

Em Cindad Real, Hespanha, deu-se um violento choque entre dois, comboios de mercadorias, na estação de Canadá, ficando muitos wagons destruidos e bastante gado morto.

Era este um dos mais bellos operarios da cidade; laborioso, intelligente, bravo e honesto. Miguel não podia ser indifferente á amizade que lhe inspirava e com elle esquecia a especie de constrangimento e de desconfiança que lhe causavam os mais artistas com quem a posição de seu pae obrigava a tratar em pé de igualdade.

(Continúa).

Clara de Miranda.

Erratas do n.º antecedente

Onde se lê=haiade, leia-se=naiade. Onde se lê=*Não foi elle*, leia-se=*Não, foi elle.* Onde se lê=procederam; leia-se=precederam. Onde se lê=ora uma abertura do tecto; leia-se=ora por uma abertura do tecto. Onde se lê=são dignos, pela pureza das linhas, e a singeleza graciosa dos movimentos, equiparados aos etruscos; deve lêr-se=são dignos, pela pureza das linhas, e a singeleza graciosa dos movimentos, de serem equiparados aos etruscos.

PADRE-VINGA

Acha-se um pouco melhor do ataque apopletico, de que foi acommettido, o nosso amigo snr. Padre Francisco Pedroso Lopes Vinga.

Desejamos-lhe prompto restabelecimento.

CONDE D'AGUEDA

Sexta-feira passada o Snr. Conde d'Agueda, illustre governador civil, foi para Lisboa a fim de tratar de assumptos, que desfeitam a este districto.

SENHORA DO DESTERRO

Effectuou-se, consoante preannunciáramos a festa da Nossa Senhora do Desterro, na visinha freguezia d'Arada, d'este concelho affluindo ao local da festividade, grande quantidade de forasteiros, que tanto na ida, como na volta, animavam extraordinariamente a romagem, com seus descantes, violas e harmonios.

Tudo correu com muito soccorro.

DESASTRE

Por telegrammas expedido de Madrid, sabe-se que em Jerez de la Frontera, se voltára um automovel, que conduzia o insigne excriptor Melinton Gonzalez e sua familia, ficando todos os passageiros gravemente feridos.

Côrtes

No dia 29 do mez findo, teve logar a abertura solemne das côrtes geraes da nação, sob a presidencia de S. M. El-rei D Manuel II, que preferiu um discurso patriotico.

No dia 30:

Camara dos pares ás 2 horas e um quarto, sob a presidencia do snr. Antonio d'Azevedo estando presente todo o ministerio e 64 pares, entre elles o Bispo do Porto,D. Antonio Barroso, e o Patriarcha, procedeu-se á eleição por escrutinio secreto, de secretarios e vice-secretarios, dando a eleição o resultado seguinte: Secretarios – Bandeira Coelho e Francisco José Machado; vice-secretarios– Marques de Souza Holstein e Marquez de Penafiel.

O Snr. Presidente propõe á camara a constituição d'uma commissão de pares para ir ao Paço apresentar a El-rei e á Familia Real as condolencias da Camara pela morte de D. Carlos e do prin-D Luiz Filipe.

Essa commissão, que foi recebida no dia 1 do corrente, pelas duas horas da tarde, por S. M. El Rei, era composta dos Snrs. Patriarcha de Lisboa. Marquez d'Avila e Boloma, Marquez de Pombal, conde de Arnoso, conde de Bretiandos, Julio de Vilhena, Francisco Beirão, José d'Alpoim, Luciano Monteiro, Teixeira de Souza e Jacintho Candido.

Camara dos deputados

Eram trez horas da tarde, quando abriu a sessão, presidindo o snr. Conselheiro Silva Amado. Presentes 70 deputados, que segundo o regimento, constituem numero sufficiente para a camara poder funccionar.

Procedeu-se á eleição da lista quintupla, e dos secretarios e vice-secretarios.

A primeira deu o resultado seguinte: Libanio Fialho Gomes, presidente; Alfredo Pereira, vice-presidente; José Joaquim da Silva Amado, José Joaquim de Souza Cavalheiro, e Antonio Chaves Mazziotti.

A segunda deu o resultado seguinte: Amandio da Motta Veiga 1.º secretario; e João Pereira de Magalhães, 2.º

Eram seguida foi nomeada a commissão para ir ao Paço representar a El-Rei a lista quintupla.

Em quatro horas quando a sessão foi encerrada.

ERRATAS DO N.º 101

No artigo—*Poder Temporal do Papa*—onde se lê—ainda quando se realisa—deve lêr-se—*realise*—onde se lê—e são ineficazes—deve lêr-se– são ineficazes—onde se lê—condensando á morte—deve lêr-se *condemnando.*

No artigo—*Miragens seculares*—onde se lê—juridicioso—leia-se—*judicioso*—onde se lê—vae alem do que é promettido—leia-se—do que é *permittido*—em vez de não é licito as doutrinas—leia-se—*ás doutrinas*—em vez de trapalhias—leia-se—*trapalhices*

DESASTRE E MORTE

Na segunda-feira preterita, um individuo de nome José Alves dos Santos o «Malicia», almocreve, do lugar das Pedras de Cima, freguezia d'Arada, d'este concelho, foi ao arraial da Nossa Senhora do Desterro, que se realisou n'aquella freguezia.

Lá principiou de beberricar, e como *abyssur abyssum invocal*, o «Malicia» embriagou-se a ponto de transtornar a mioleira, que trouxe resultados fataes.

E assim o Malicia, perto da noute saindo do arraial, em vez de tomar o caminho de sua casa, enverdou por outro, que vem dar a esta villa, chegando até á estação dos caminhos de ferro.

Ahi, estranhando o local, bateu á porta da estação, e perguntou onde estava, dizendo-lhe um empregado, que alli era o Largo da Estação.

Pediu, então, que lhe indicassem o caminho, que seguia para Arada, ao que o dito empregado lhe disse que seguisse a direcção da linha.

O Malicia assim fez, mas em vez de seguir para o norte, seguiu para o sul, e chegando á ponte da Madria, e, na occasião em que passava a ponte, tombou cahindo ao rio, n'uma altura aproximada de dez metros resultando-lhe a morte.

Feita a autopsia. os peritos constataram que a morte se dera por virtude de conjustão cerebral.

PELA MONARCHIA

Em Oliveira d'Azemeis, effectuou-se, no domingo ultimo, um imponente comicio, de sympathia e adhesão á monarchia, onde fallaram varios oradores, que foram muito applaudidos.

As casas illuminaram á noute em signal de regosijo, e sete musicas percorreram as ruas principaes da villa.

Annuncio

2.ª Publicação

Pelo Juizo de Direito da Camara de Ovar e cartorio do Escrivão Frederico Abragão, correm editos de 30 dias, contados da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo,» citando dos interessados Joaquim de Oliveira Duarte, solteiro, maior, e Manoel Maria, solteiro, de 18 annos de edade, mas emancipado, ambos ausentes em parte incerta na Republica dos Estados Unidos do Brazil para todos os termos até final do inventario de menores a que se procede por fallecimento de seu pae e avô Sebastião de Oliveira Rezende morador que foi no logar da Carvalheira de Cima, freguezia de Valega, e isto sem prejuiso do andamento do mesmo inventario.

Ovar 6 de abril de 1908.

Verifiquei a exactidão
Juz de Direito
Ignacio Monteiro
O Escrivão
Frederico Ernesto Camarinha Abragão

ANNUNCIO

2.ª PUBLICAÇÃO

No dia 10 de maio proximo pelas 10 horas da manhã, á porta do Tribunal Judicial d'esta Comarca, sito na Praça d'esta Villa, e por deliberação do conselho de familia no inventario de menores a que se procede por fallecimento de Maria Rosa Rodrigues Lopes, que foi de Carvalhal de Maceda se hão-de arrematar e entregar a quem mais der acima do preço porque são postas em praça, os seguintes predios a saber. Uma leira de terra lavradia, chamada o Barreiro, sita no logar d'este nome, no valor de 100$000 reis. Uma terra lavradia chamada o chão do moinho, sita no Carvalhal, no valor de 50$000 reis. Uma terra lavradia, chamada a Manta, sita no logar do Campo, no valor de 50$000 reis. Uma leira de matto e pinhal sita no logar do Manto, no valor de 120$000 reis. Uma leira de matto e pinhal, chamada o Jogal, sita na Carvalheira, no valor de 90$000 reis e uma eira de matto e pinhal denominada o Bassello, sita no Carvalhal no valor de 20$000 reis.

Todos os predios, são sitos na freguesia de Maceda. As despesas da praça e toda a contribuição de registo ficam por conta do arrematante. Para a praça são citados quaesquer credores incertos.

Ovar, 7 de abril de 1908.
Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito

Ignacio Monteiro

O escrivão

Frederico Ernesto Camarinha Abragão.

ARREMATAÇÃO

2.ª PRAÇA

1.ª Publicação

No dia 10 do proximo mez de Maio, por 10 horas da manhã, á porta do Tribunal Judicial, d'esta Comarca, sito na praça d'esta villa, e na execução por custas, sellos e multa que o doutor Delegado do Procurador Regio n'esta mesma Comarca, move contra Manoel Correia Vermelho, casado, pescador, da rua do Loureiro, d'Ovar, volta pela segunda vez á praça para ser arrematado e entregue a quem maior lanço offerecer sobre o preço de metade da avaliação, visto na primeira praça que se realisou no dia 12 d'abril ultimo e foi annunciada por editos datados de 17 de março findo, não ter tido comprador, o seguinte

PREDIO

Um terreno sito na costa do Furadouro, freguezia de Ovar' avaliado na quantia de vinte e quatro mil reis, e vae á praça no valor 12$000 reis.

Para a praça são citados quaesquer credores incertos.

Ovar, 30 d'Abril de 1908.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito

Ignacio Monteiro

O escrivão substituto

Amadeu Soares Lopes

Casa

Antonio da Fonseca Bonito vende a sua casa sita na rua dos Ferradores, com quintal. ramada, um armazem de pedra, e caminho de pè e carro.

E' co-proprietario no terreno da servidão.

ADEGA DO LUZIO

Se tu fosses uma dama,
De se lhe CHAMAR UM FIGO,
Das que gozam bella fama,
Tu serias, meu amigo,
Companheira cá da cama!...

Eu calcava muita lama;
Perderia muitos dias;
Mas, se fosses uma dama,
Tu, por fim, sempre serias,
Companheira cá da cama!...

E, depois, com que azafama,
Nós então nos beijariamos,
Sendo tu linda madama!...
—Nem eu sei o que fariamos,
Ambos juntos cá na cama!-..

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco, geropigas finas, aguardentes, azeite a preços convidativos.

Garante-se a pureza de todos os artigos

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO JUNIOR

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possivel aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender

Deposito do Café Moido Especia

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONÇALVES

PORTO.

NUMERO TELEPHONICO, 737

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

O GABÃO ELEGANTE

DE

AVEIRO

É e ha de ser sempre o agasalho mais conveniente e elegante contra o

Frio, Vento e Chuva

e o mais commodo para viagem. E se quereis o verdadeiro só o encontrareis na

ALFAIATERIA DA MODA

de ABEL GUEDES DE PINHO

Largo da Praça n.º 46, 47 e 48

OVAR

Alfaiate natural da cidade de Aveiro, veio estabelecer-se em Ovar para poder fazer os Verdadeiros, antigos e elegantes GABÕES ou VARINOS AVEIRENSES mais baratos 2$000 reis qualquer outra casa AVEIRENSE.

E' elle o propro, artista no genero, quem com toda a perfeição e esmero molha e corta todas as fazendas e não eintrega a alfaiates desconhecidos ao seu estabelecimento, como fazem todos os mercadores que trazem annunciado o GAB..O AVEIRENSE.

Lembro a V. Ex.ª que não se illudam com esses reclamista, sem consciencia do que annunciam, porque alguns até mandam fazer esses gabões a costureiras para os expor á venda no seu estabelecimento.

Eu responsabiliso-me pelo seu bom acabamento, para o que tenho pessoal competentemente habitado, mas se por qualquer motivo o freguez não ficar satisfeito, torna-o a receber sem innemnisação alguma. Todo o gabão elva a marca da casa para evitar enganos.

Tambem os faz a prestações s manaes de 500 reis.

Toma a responsabilidade por toda e qualquer obra sahida e executada no seu estabelecimento tanto para homem como para creança. Fornecem-se amostras de burel e todas as fazendas proprias para os mesmos GABÕES.

Preços varios em tamanhos e qualidades.

OFFICINA E ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

DE

VICTORINO TAARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta ociffina, vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encommenáa de qualquer obra concernente d sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encommendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente

A LA VILLE DE PARIS
F. DELPORT, SUCCESSORES & C.ª

MARCA REGISTADA

PORTO

Rua Sá da Bandeira, 249

Telegrammas:
VILLE-PORTO

Fabrica de corôas e flores artificiaes

Premiada com medalhas de ouro em todas as exposições a que tem concorrido

COROAS FUNEBRES

RAMOS para altar. Grande sortido de plantas para adorno. Flôr de laranjeira, e todos os aprestos para flores.

DEPOSITOS NA PROVINCIA

COIMBRA — Manoel Carvalho
Largo do P. D. Carlos.

FIGUEIRA DA FOZ — José Neves Zuzarte
Praça de Camões.

SANTAREM — Fonseca & Souza.

BRAGA — Pinheiro & C.ª